

BAIÃO DE DOIS

José Benjamim de lima

(Ao som de “Esperando na Janela”, de Gilberto Gil)

Dançarino meia boca dançando o baião, “ainda me lembro do seu caminhar/seu jeito de olhar, eu me lembro bem”, não sabia se puxava você ou se me deixava levar. Na pista, girando em movimentos que deveriam ser suaves “fico querendo sentir o seu cheiro”, dois pra lá, dois pra cá, cheirinho bom, “acqua di giò”, na pista girando, em movimentos que poderiam ser leveza. Poderiam, mas não são; gingo duro feito um robô, para desconforto de minha parceira. Quanto mais me esforço para ser esvoaçante, mais pesadão me torno. A leveza será um estado de espírito? Ou um estado físico nascido de muito exercício e domínio dos movimentos? “O tempo todo eu fico feito tonto / sempre procurando, mas ela não vem”. Meu desajeito desgraçoso... Ah! se meus passos e meu corpo flutuassem... Suaves, flexíveis, como os desse gordo que dança ao meu lado agora. Bom seria! Meu vizinho dança leve, ágil, puxa seu par e roda. Suave, tranquilo, quase levitando, dançarino exímio, como é possível, tão gordo e tão leve, tão flutuante? Exibido! Gordo metido! Que inveja, inveja de doer! Disfarçadamente giro meu par e a afasto, para que não perceba quão bem dança o gordinho do lado. Com a humilhante exibição fora de minha vista, volto a serenar-me. Concentro-me na dança, puxo minha amada, faço um pequeno volteio meio desengonçado, mas já é alguma coisa, e depois a aperto fortemente, dois pra lá, dois pra cá, na pista girando, “e esse aperto no fundo do peito / desses que o sujeito não pode aguentar, ah”, vou tentando me arranjar. Mesmo desajeitado é bom, é muito bom, o som, o ritmo, o movimento, ora longe, ora perto, ora rodando pra lá, ora rodando pra cá, em movimentos centrípetos, depois centrífugos, acompanhando a música, sempre rolando da periferia ao meio do salão e vice-versa, do centro à beirada, da beirada ao centro, “esse aperto aumenta meu desejo / e eu não vejo a hora de poder lhe falar”, estou quase entrando no ritmo, começo a rir feliz e de repente perco o passo, atrapalho-me, piso o par, ela reclama, tento me reequilibrar, desculpa. Refeito da trapalhada, controlando rigidamente os passos na cabeça, dois pra lá, dois pra cá, agora é um casal de velhinhos que chama minha atenção. Dançam bem! Um só corpo, harmonioso, perfeito, ginguando graciosamente os quadris, avançando e afastando os pés sincronizadamente, rodando pela pista, ágeis, metuculosos sem esforço, mal sentindo o chão. Também, devem ter cem anos de treino, penso, despeitado. Como é possível dançar tão bem? Soberbos, majestosos, pés-de-valsas, donos do salão, só movimento e ritmo. Absortos, não veem ninguém, senão a sua própria dança. “Tá me esperando na janela, vai / Não sei se vou me segurar”, diz a música. Quem não sabe se vai se segurar sou eu! Velhinhos filhos da puta! Vão humilhar assim no inferno! Esbarro no casal, me descontrolo e erro novamente o passo. Peço desculpas e recomeço dois pra lá, dois pra cá, contando para

não errar, dois pra lá, dois pra cá, pra lá, pra cá, pra lá, pra cá. Fico até feliz com a minha performance. Agora estou acertando, penso. Mas, algo incomodado, vem-me à cabeça que contar passos não é exatamente dançar. É apenas um exercício sem graça, diz-me não só o instinto, mas também a cara um pouco desanimada de meu par. Quando a música acaba – finalmente, ufa! - mais que depressa atravesso o salão e me sento à mesa. Eu avisei que não sabia dançar, digo, com humildade estudada. Não se preocupe, você está indo bem, ela responde com um sorriso generoso. Logo logo estará dançando igual aqueles velhinhos que você quase derrubou... (limajb@gmail.com)